

# SERPENTES

## RELIGIÕES, MAGIAS E MISTÉRIOS

Onde, Como e Porque  
são Cultuadas

*Tradução*  
Alexandrina Aparecida  
Lopes de Oliveira

大有  
TAHYU

Um relato dos ritos e mistérios ligados à origem, ascensão e desenvolvimento do culto de adoração à serpente em várias partes do mundo, enriquecido com tradições interessantes e uma extensa descrição dos célebres montes e templos da serpente, tudo isto dando forma à exposição de uma das fases do fálico, ou adoração ao sexo.

*Anônimo*  
*Londres, 1889*



# Capítulo 1

O Extraordinário Assunto Ofiolatria — De Origem Misteriosa —  
De Predomínio Universal — A Serpente Como um Símbolo  
Comum na Mitologia — Serpente-Adoração Natural, porém  
Irracional — Orgias Báquicas — Olímpia, Mãe de Alexandre e o  
Emblema da Serpente — Thermutis, a Serpente Sagrada Áspides  
— Saturno e seus Filhos — Sacrifícios no Altar de Saturno —  
Abaddon — Ritual de Zoroastro — Teologia de Ophion — Os  
Cutitas — O Othiogenesis — Os Ofiomanos — Tradições Gregas —  
Cecrops — Os Vários Adoradores da Serpente.

A Ofiolatria, o culto de adoração à serpente, semelhante à adoração ao falo, é uma das mais notáveis, e à primeira vista, uma das mais inenarráveis formas de religião que o mundo já conheceu. Até que a verdadeira fonte de onde ela surgiu possa ser encontrada e compreendida, sua natureza permanecerá tão misteriosa quanto sua universalidade. Uma das questões mais difíceis para a qual se encontrar uma resposta é: Quando e por que o homem se interessou por um ser tão repulsivo e ameaçador como este réptil, bem como pelos seus hábitos, a ponto de prestar-lhe adoração? Entretanto, é difícil encontrar um país no mundo antigo onde ela não possa ser encontrada, impregnando cada sistema conhecido de mitologia, e deixando provas de sua existência e extensão na forma de monumentos, templos e fortificações com as mais elaboradas e curiosas características. Babilônia, Pérsia, Hindustão, Ceilão, China, Japão, Burma, Java, Arábia, Síria, Ásia Menor, Egito, Etiópia, Grécia, Itália, Europa setentrional e ocidental, México, Peru e a América — todos esses países, deram muitas provas do mesmo efeito, e apontaram para a origem comum dos sistemas pagãos, em todos os lugares onde foram encontrados. Se a adoração foi o resultado do medo ou respeito, é uma questão que naturalmente se apresenta por si mesma, e a busca de uma resposta será confrontada com o fato de que em alguns lugares, como no Egito, o símbolo era o de um espírito bom, enquanto que na Índia, Escandinávia e México, era um símbolo do mal. Ficou notório que nas regiões mais quentes do globo, onde esta criatura é o inimigo mais formidável que o homem pode encontrar, a serpente era considerada a serva mitológica de um ser do mal; enquanto nas regiões frias ou temperadas

da Terra, onde ela foi reduzida às insignificâncias de um réptil sem poder criar alarme, ser vista com a mesma natureza apavorante, é um fato que não pode responder a causas naturais. A uniformidade da tradição pode por si só explicar satisfatoriamente uma uniformidade da superstição, onde circunstâncias locais são tão discordantes.

“A serpente é, de modo geral, o símbolo mais presente na mitologia do mundo. Ela pode admitir em diferentes países entre seus companheiros adeptos de Satã o mais venenoso e mais terrível dos animais de cada país, mas preserva sua constância, como o único objeto invariável de terror supersticioso em todo o mundo habitável. ‘Em qualquer lugar em que o demônio impere’, observa Stillingfleet<sup>1</sup>, ‘a serpente é tomada com alguma veneração peculiar’. A universalidade desta superstição é singular e irracional, uma vez que não existe nada em comum entre a divindade e o réptil, para sugerir a noção do culto de adoração à Serpente; e é natural, porque considerando como verdade os eventos no Paraíso, toda probabilidade está a favor de tal superstição que está sendo criada.”<sup>2</sup>

Podem parecer extraordinário que a adoração à serpente pudesse ter sido introduzida no mundo, e deve parecer ainda mais marcante, que ela devesse prevalecer quase universalmente. Como dizem que o gênero humano arruinou-se por causa da influência deste ser, pouco poderíamos esperar que ela pudesse, entre todos os outros seres, ter sido adotada como o mais sagrado e saudável símbolo, e ter-se tornado um principal objeto de adoração. Ainda assim, descobrimos que ela o foi, de fato, porque na maioria dos ritos antigos existe alguma alusão a ela. Nas orgias de Baco, as pessoas que participavam das cerimônias costumavam carregar serpentes em suas mãos, e com gritos horrendos invocavam: — “Eva, Eva.” Eram freqüentemente coroadas com serpentes enquanto ainda faziam as mesmas exclamações frenéticas. Uma parte dos ritos misteriosos de Júpiter Sabazius era para deixar uma cobra deslizar sobre o peito da pessoa a ser iniciada, como será descrito a seguir. Acreditava-se que estas cerimônias, e sua adoração simbólica, tinham começado entre os reis magos, que eram os filhos de Chus, e através deles, elas foram se propagando a várias

1. Edward Stillingfleet em seu *Origines Sacrae* defende a autenticidade e a credibilidade das Escrituras em três livros, sendo que no terceiro ele trata de cosmogonia, ou história da formação do mundo.

2. William John Deane (1825-1895) estudioso de Escrituras Sagradas Apócrifas dos judeus e dos cristãos. Autor do livro “DA SABEDORIA” – *Com Prolegômenos e Comentários*.

3. Religioso e escritor grego, autor de estudos teológicos sobre as heresias, combateu as doutrinas de Orígenes e dos apolinaristas, seguidores de Apolinário de Laodicéia.

partes. Epifânio<sup>3</sup> acredita que a invocação “Eva, Eva,” relaciona-se à grande mãe do gênero humano que foi enganada pela serpente. Clemente de Alexandria<sup>4</sup> tem a mesma opinião. Outros, entretanto, acreditam que Eva era o mesmo que *Eph*, *Epha*, *Opha*, que os gregos traduziram como *Ophis*, e através desta palavra denotavam serpente. Clemente reconhece que o termo Eva pronunciado com aspiração e de maneira adequada, tinha tal significado.

Olímpia, mãe de Alexandre, apreciava muito estas orgias, nas quais a serpente era introduzida. Plutarco<sup>5</sup> menciona que os ritos dessa natureza eram praticados pelas mulheres na Edônia, perto do Monte Hæmus em Thrace, e chegavam ao nível da loucura. Olímpia as copiava de maneira próxima em todas as suas manobras frenéticas. Ela costumava ser seguida por muitos servos, e cada um tinha um tirso com serpentes gêmeas em torno dele. Eles também tinham cobras em seus cabelos e nas grinaldas que usavam, de modo que ficavam com uma aparência extremamente apavorante. Seus gritos também chocavam muito, e tudo era acompanhado da contínua repetição das palavras, *Evoe*, *Saboe*, *Hues Attes*, *Attes Hues*, que eram nomes do deus Dionísio. Ela era peculiarmente chamada de Hues e seus sacerdotes eram os Hyades e os Hyautes, igualmente conhecidos por Evas.

No Egito, havia uma serpente conhecida como Thermuthis considerada muito sagrada, e dizia-se que os nativos tinham feito uso da mesma como tiara real, com a qual eles ornamentavam as estátuas de Ísis. Sabemos através de Diodorus Siculus que os reis do Egito usavam gorros altos, que terminavam em uma bola redonda na ponta, e ele todo era cercado com figuras de áspides<sup>6</sup>. Os sacerdotes, da mesma maneira, tinham sobre seus gorros a representação de serpentes.

Os antigos tinham a idéia de que quando Saturno devorava seus próprios filhos, sua esposa Ops o enganou, colocando uma pedra grande no lugar de um dos filhos, pedra que ficou conhecida

4. Tito Flávio Clemente, escritor e religioso grego, pioneiro na defesa da idéia de guerra justa contra a escravidão e a tirania.

5. Plutarco, escritor grego, nasceu em Queroneia, Beócia, no ano 46. Viajou pela Grécia e Egito, passou temporadas em Roma, onde conviveu com os imperadores Trajano e Adriano. Entretanto, passou a maior parte da vida em sua cidade natal, onde ocupou altos cargos públicos e dirigiu uma célebre escola. Ligado à academia platônica de Atenas, no ano 95 foi nomeado sacerdote de Apolo em Delfos.

6. N.T.: Áspide – de *vipera aspis*, pequenas cobras venenosas da África do Norte, cujo veneno é fatal, e que ficou famosa pelo célebre episódio do suicídio de Cleópatra.

como Abadir. Mas Ops e Opis, representadas pelo feminino, era a divindade serpente e Abadir o mesmo personagem com uma denominação diferente. Abadir parece ser uma variação de Ob-Adur e representa o deus-serpente Orus.

Uma destas pedras, que supostamente Saturno tinha engolido ao invés de um filho encontra-se, de acordo com Pausânias<sup>7</sup>, em Delphos, foi considerada muito sagrada e costumava ter libações de vinho derramado sobre ela diariamente; em festivais era homenageada da mesma maneira. O propósito do exposto acima era provavelmente para mostrar a origem do costume, que perdurou por muito tempo, de oferecer crianças no altar de Saturno; mas com o passar do tempo ele foi removido e no lugar foi erguido um altar de pedra, diante do qual faziam seus votos e ofereciam sacrifícios de alguma outra natureza. Esta pedra que eles haviam então substituído ficou conhecida como Ab-Adar, por causa da divindade representada através dela. O termo Ab, geralmente significa, um pai, mas neste caso, certamente, está relacionado a uma serpente, que foi indiferentemente intitulada como Ab, Aub e Ob. Alguns acreditam que Abaddon, ou, como mencionado no livro da revelação, Abaddon, tenha recebido o nome do mesmo deus Ofita, e despertou adoração mundial por bastante tempo. Ele é denominado Abaddon, o anjo das profundezas, — o príncipe da escuridão. Em outros lugares, ele é descrito como o dragão, a serpente antiga, que é o demônio e Satã. Assim sendo, supõe-se que Heinsius esteja correto em sua opinião que expressou sobre o assunto, quando mostra Abaddon e a serpente Pytho como sendo iguais.

Baseado em Eusebius<sup>8</sup>, costuma-se dizer que no ritual de Zoroastro, a grande expansão dos céus e da natureza em si era descrita através do símbolo de uma serpente. O mesmo é mencionado no *Octateuch* de Ostanes; e ainda mais na Pérsia e em outras partes

7. Pausânias nasceu nas primeiras décadas do século II da era cristã na Lídia, Anatólia. Entre os anos 143 e 176, viajou pela terra natal, Síria, Palestina, Egito, península helênica e Itália. Sua obra *Descrição da Grécia* é fonte inestimável para o estudo da topografia, arqueologia e mitologia das cidades que visitou. Além de detalhes sobre a topografia de cada cidade visitada, o livro inclui, além da síntese da história local, ritos, costumes, lendas e superstições. Grande interessado em obras artísticas, o autor descreve longamente a arte religiosa e arquitetura de Atenas, Olímpia e Delfos. A precisão de suas descrições foi comprovada por descobertas arqueológicas posteriores, muitas delas resultados de indicações de seu livro. O antropólogo britânico James Frazer afirmou que, sem a obra do geógrafo e viajante grego Pausânias, as ruínas da Grécia seriam “um enigma sem resposta”.

8. O bispo Eusébio de Cesaréia ou Eusébio Panfílio, exegeta e polemista, é considerado um dos fundadores da historiografia cristã. Destacou-se por procurar conciliar a heresia arianista e a teologia oficial da Igreja.

do oriente eles erguiam templos para a tribo das serpentes e organizavam festivais em sua homenagem, considerando-as o supremo de todos os deuses e os superintendentes de todo o mundo.

A adoração começou entre os povos da Caldéia. Eles construíram a cidade de Opis, às margens do Tigris, e eram muito devotados à divinação e ao culto de adoração à serpente. Partindo da Caldéia, a adoração passou para o Egito, onde a divindade da serpente era conhecida como Canoph, Caneph, e C'neph. Também tinha o nome de Ob, ou Oub, e era a mesma assim como Basilicus, ou a Serpente Real; era também o mesmo das Thermuthis, e da mesma maneira era feito uso dela como ornamento para as estátuas de seus deuses. Dizia-se que a principal divindade do Egito era Vulcano, que também era conhecido como Opas, como soubemos através de Cícero. Ele era o mesmo que Osíris, o Sol; e por conseguinte era freqüentemente chamado de Ob-El, ou Pytho Sol; e existiram vários altares consagrados a ele, com inscrições hieroglíficas curiosas, que tinham o mesmo nome. Esses altares eram muito altos e estreitos em comparação ao seu comprimento; assim sendo, entre os gregos, que fizeram cópia dos egípcios, tudo aquilo que gradualmente se estreitava formando um ponto ficou conhecido como *Obelos* e Obelisco. Ophel (Oph-El) era um nome de mesmo sentido; e muitos montes sagrados, ou *Tapha*, foram então denominados a partir da divindade serpente, para quem eles foram consagrados.

Sanchoniathon faz menção de uma história que ele escreveu uma vez sobre a adoração da serpente. O título deste trabalho, de acordo com Eusebius, era *Ethothion*, ou *Ethothia*. Outro tratado sobre o mesmo assunto foi escrito por Pherecydes Tyrus, que provavelmente era uma cópia do anterior; por causa disto, acredita-se que ele o compôs a partir de alguns relatos prévios dos fenícios. O título de seu livro era a *Teologia de Ophion*, conhecido como Ophioneus, e os seus adoradores o chamavam *Ophionidæ*. Thoth e Athoth eram certamente títulos da divindade no mundo gentílico; e o livro de Sanchoniathon pôde, muito possivelmente, a partir de então, ser nomeado *Ethothion*, ou para ser mais exato, *Athothion*. Mas partindo do assunto sobre o qual foi escrito, como também do tratado de Pherecydes, temos razão para pensar que *Athothion*, ou *Ethothion*, foi um engano para *Ath-Ophion*, um título que se relacionava mais imediatamente àquela adoração da qual o escritor tratou. Ath era um título sagrado, como demonstramos, e imaginamos que esta dissertação

apenas não se relacionava meramente à divindade serpentiforme, mas continha relatos de seus adoradores, o *Ophitæ*, o principal entre os que eram os filhos de Chus. A adoração da serpente começou entre eles, e eles foram por este motivo, denominados *Etiopians*, e *Aithopians* para o que os gregos traduziram como *Aithiopes*. Eles não receberam este nome por causa de sua aparência, como por vezes se supôs, porque o ramo de Phut e o de Luhim, eram provavelmente de uma nuança mais profunda; mas eles provavelmente se tornaram mais conhecidos a partir de Ath-Ope, e Ath-Opis, o deus que eles adoravam. Isto pode ter sido demonstrado a partir de Plínio. Ele diz que a Etiópia como país (e, por conseguinte, o povo) teve o nome de *Æthiop*, de um personagem que era uma divindade — *ab Æthiophe Vulcani filio*. Os *Æthiopes* trouxeram estes ritos para a Grécia, e deram o nome à ilha onde se estabeleceram de *Ellopia, Solis Serpentis, insula*. Foi o mesmo que *Eubœa*, um nome de igual sentido, em cuja ilha estava uma região chamada *Ethiopium*. *Eubœa* é propriamente *Oub-Aia*, e significa a Ilha de Serpente. A mesma adoração prevaleceu entre os hiperbóreos, como podemos julgar a partir dos nomes das mulheres sagradas que vinham anualmente a Delos; elas eram as sacerdotisas da Deusa Tauric. Hércules foi considerado o deus principal, assim como Cronos, e acreditava-se que tinha produzido o Ovo Mundano. Ele era representado na Teologia Órfica através do símbolo misto de um leão e uma serpente e, às vezes, de apenas uma serpente.

Os cutitas, sob o título de *Heliadæ*, tinham se estabelecido em Rhodes, e como eles eram hivitas ou Ofitas, a ilha foi conseqüentemente denominada Ophiusa. Da mesma maneira, existe uma tradição de que a ilha ficou uma vez repleta de serpentes (Bochart diz que a ilha é conhecida por ter sido denominada Rhodus de Rhad, uma palavra para serpente em aramaico.). A mesma noção prevalece quase em todos os lugares onde eles se estabeleceram. Eles chegaram com os títulos mais gerais de Leleges e Pelasgi; porém mais particularmente de *Elopians*, *Europians*, *Oropians*, *Asopians*, *Inopians*, *Ophionians* e *Æthiopes*, como aparece a partir dos nomes que trouxeram de herança; e na maioria dos lugares onde eles residiam houve a passagem de tradições que faziam alusão ao seu título original de Ofitas. Na Frígia, e a partir de Hellespont, para onde enviaram colônias desde cedo, havia um povo chamado de Ophiogeneis, ou crias da serpente, sobre os quais se dizia que mantinham uma afinidade e correspondência com serpentes; e prevalecia uma idéia de que algum herói, que as havia conduzido,

tinha se transformado de serpente em homem. Em Colchis, havia o rio *Ophis*, e havia um outro rio com o mesmo nome na Arcádia. E foi então denominado a partir de um grupo de pessoas que tinham se estabelecido sobre seus bancos, e acreditava-se que haviam sido conduzidos por uma serpente.

Dizem que estes répteis são raramente encontrados em ilhas, mas que Tenos, um dos Cyclades, deveria supostamente ter-se juntado a eles (Aristoph).

Thucydides menciona um povo da *Ætolia*, chamados *Ophionians*; e o templo de Apolo em Petara, na Lycia, que parece ter tido sua primeira instituição a partir de uma sacerdotisa do mesmo nome. A ilha onde está o Chipre foi chamada de *Ophiusa* e de *Ophiodes*, onde se acreditava que as serpentes existiam em abundância. De quais espécies elas vieram, não é mencionado em lugar algum, exceto apenas pela teoria que dizia que Paphos foi uma espécie de serpente com duas pernas. Com isto ficou compreendido que a raça de *Ofita*, que veio do Egito e da Síria, chegou caminhando nesta ilha. Eles se estabeleceram também em Creta, onde seus números cresceram enormemente, de maneira que Minos era conhecido por uma alegoria jamais vista, *opheis ouresai, serpentes, minxisse*. A ilha de Seriphus era um enorme penhasco, chamado pelos romanos de *saxum scriphium*, que fizeram uso de vários tipos de prisão para pessoas banidas. Ela era representada como sendo uma ilha repleta de serpentes e foi nomeada *serpentifera* por Virgílio, de acordo com a maneira como Scaliger corrige o episódio.

Os gregos dizem que a cabeça da Medusa foi trazida por Perseu; assim é representada a divindade serpente, cuja adoração foi aqui introduzida por um povo chamado peresianos. A cabeça da Medusa denotava sabedoria divina, e a ilha era consagrada à serpente, como o seu nome faz parecer. Os atenienses eram considerados *Serpentiginæ*, e tinham uma tradição de que o guardião chefe de sua Acrópole era uma serpente.

Conta-se que a deusa Ceres colocou um dragão como guardião de seu templo em Elêusis, e designou outro para tomar conta de Erectheus. *Ægeus* de Atenas, de acordo com Androtion, era da raça da serpente, e dizem que o primeiro rei do país foi um dragão. Outros dizem que Cecrops foi o primeiro a reinar. Dizem que ele tinha dupla natureza, sendo formado pelo corpo de um homem mesclado ao de uma serpente. Diodorus diz que esta era uma circunstância

julgada inexplicável pelos atenienses; contudo ele se esforça para explicar isto representando Cecrops como metade homem e metade animal, porque ele havia pertencido a duas comunidades diferentes.

Eustatios tenta, da mesma maneira, resolver isto quase que com base nos mesmos princípios e com igual sucesso. Alguns disseram que Cecrops havia sofrido uma metamorfose, tendo se transformado de serpente em homem. Com isto entendeu-se, de acordo com Eustatios, que quando Cecrops entrou em Hellas, ele se despiu de toda a rudeza e brutalidade de seu país, tornando-se mais civilizado e humano. Isto é declarado por alguns como sendo um alto elogio a ser prestado à Grécia em seu estado inicial e diminui bastante a personalidade dos egípcios. O sábio Marsham, entretanto, adverte com grande justiça: — “É mais provável que ele tenha introduzido o urbanismo de seu próprio país na Grécia, do que ter ficado devendo algo para a Grécia desde então. Quanto ao caráter misto deste personagem, podemos responder sobre isto facilmente. Cecrops era, com certeza, um título da divindade, que foi adorada com este emblema. Algo de igual natureza foi mencionado sobre Triptolemus e Erichthonius, e o mesmo foi dito sobre Hércules. Os nativos de Tebas em *Bœotia*, assim como os atenienses, consideravam-se pertencentes à raça da serpente.”

Os *Lacedæmonians* referem-se da mesma maneira a si próprios baseando-se no mesmo original. Sua cidade é conhecida por ser habitada por serpentes desde tempos antigos. O mesmo é dito sobre a cidade de *Amyclæ* na Itália, que é de origem espartana. Eles chegaram a um nível de tal abundância de serpentes ali, que a cidade teve que ser abandonada por seus habitantes. Argos foi infestada da mesma maneira até que Apis chegou do Egito e se estabeleceu naquela cidade. Ele era profeta, o renomado filho de Apollo, e uma pessoa de grande habilidade e sagacidade, e a ele foi atribuída a bênção de ter conseguido livrar seu país deste mal. Assim, Argives deu o crédito a este personagem imaginário de limpar sua terra desta queixa, porém, uma nova ninhada veio no mesmo trimestre de onde se supunha que Apis tinha vindo. Elas eram, certamente, os hivitas do Egito, e a mesma história é contada sobre aquele país. O Egito é representado como tendo sido, desde velhos tempos, infestado por serpentes e quase despovoado em sua totalidade.

Diodorus Siculus parece entender isto literalmente, mas uma região que era anualmente alagada, o que já era demais para

durar uma estação, não poderia estar propensa a tal calamidade. As serpentes que ali infestaram eram de uma outra natureza, e a história as relaciona aos cutitas, dos originais *Ophitæ*, que por muito tempo dominaram aquele país. Eles passaram do Egito para a Síria, e então para o Eufrates, e é feita uma menção sobre esta raça particular de serpentes naquele rio, que eram inofensivas aos nativos, mas fatais a qualquer outra pessoa. Isto não pode ser tomado literalmente porque tudo que pode relacionar-se à sabedoria das serpentes não é o suficiente para se fazer estas distinções. Estas serpentes eram da mesma natureza dos pássaros de Diomedes e dos cães do templo de Vulcano; e as histórias atribuem aos sacerdotes de Ofita, que costumavam absolver o seu próprio povo e sacrificar os estrangeiros, um costume que uma vez prevaleceu na maior parte do mundo. Dizem que os sacerdotes de *Cuthite* eram muito instruídos; e como eles eram Ofitas, qualquer um que tivesse tido a vantagem de receber suas informações era considerado instruído pelas serpentes.

Como a adoração à serpente era de prevalescência antiga, muitos lugares e muitos povos, por este motivo, receberam os seus nomes. Os que se instalaram em Campania foram chamados *Opici*, o que alguns teriam mudado para *Ophici*, porque foram denominados a partir das serpentes. Eles são, na realidade, nomes de mesmo sentido e denotam a origem dos povos.

Deparamo-nos com lugares chamados *Opis*, *Ophis*, *Ophitæa*, *Ophionia*, *Ophioessa*, *Ophiodes* e *Ophiusa*. Este último era um nome antigo pelo qual, de acordo com Stephanus, as ilhas Rhodes, Cynthus, Besbicus, Tenos e todo o continente da África ficaram conhecidos. Também havia cidades assim denominadas. Acrescente a estes lugares denominados *Oboth*, *Obona*, e o inverso, *Onoba*, de *Ob*, que tinha o mesmo sentido.

Clemente de Alexandria diz que o termo *Eva* significava serpente se pronunciado com o som aspirado adequado, e Epifânio diz a mesma coisa. Descobrimos que havia lugares com este nome. Havia uma cidade, *Eva*, na Arcádia, e outra na Macedônia. Também havia um monte *Eva*, ou *Evan*, relatado através de Pausânias, e entre este monte e *Ithome* está a cidade de *Messene*. Ele também menciona uma *Eva* em *Argolis*, e fala a seu respeito como uma grande

---

9. N.T.: *Dracontia* – plural de *dracontium*, latim, que designa as espécies *Dracontium asperum*. Essa planta geralmente causa perplexidade pelo aspecto exótico, muitas vezes trazendo à lembrança cobras ou outros répteis. O nome *Dracontium* significa “pequeno dragão”.

cidade. Outro nome de serpente sobre a qual ainda não atentamos, era Patan, ou Pitan. Muitos lugares em diferentes partes foram denominados com este termo. Entre outras, havia uma cidade na Lacônia, e outra na Mysia, que Stephanus nomeia como a cidade de *Æolia*. Elas foram nomeadas, indubitavelmente, por causa da adoração à serpente, Pitan, e provavelmente tinham *Dracontia*<sup>9</sup>, que eram figuras e emblemas relativos à religião onde prevaleceram. Ovídio menciona esta última, e faz algumas alusões à sua antiga história quando descreve Medea voando pelo ar, indo de Athea para Colchis. A cidade estava situada nas ruínas de Eva, ou Evan que os gregos traduziram por Evenus. De acordo com Strabo, o nome é composto de Eva-Ain, a fonte ou rio de Eva, a serpente.

É notável que os Opici, que se acredita terem recebido este nome a partir do nome das serpentes, também tenham tido o nome de *Pitanatæ*; pelo menos uma parte daquela família foi assim chamada. *Pitanatæ* é um termo do mesmo sentido de Opici e relaciona-se aos votos de Pitan, a divindade-serpente que era adorada por aquele povo. Menelaus era antigamente chamado de Pitanates, como soubemos através de Hesíquio, e a razão disto pode ser conhecida pelo fato de ele ser um espartano, e por isso foi considerado um dos *Serpentigenæ*, ou Ofita. Conseqüentemente, ele foi representado com o emblema de uma serpente sobre seu escudo. Dizem que em uma brigada, ou parte da infantaria, havia entre alguns dos gregos, os chamados de Pitanates, e por causa disto os soldados devem ter sido, sem dúvida, chamados de *Pitanatæ* porque tinham o Pitan ou serpente como seu emblema. Semelhante a isto, entre outras nações havia os soldados chamados *Draconarii*. Em muitos países, o símbolo militar era um emblema da divindade adorada.

Tudo o que já foi dito lançou alguma luz sobre a história desta idolatria primitiva, e mostramos que, em qualquer lugar onde quaisquer destas colônias Ofitas se estabelecessem, elas deixariam como legado seus ritos e instituições, como também os nomes que deram a locais e enormes monumentos, pelos quais elas podem claramente ser localizadas.